

LEITURAS DO CORPO EM AUTOBIOGRAFIAS TRANS: *NINA HERE NOR THERE* DE NICK KRIEGER E *TRANS: A MEMOIR*, DE JULIET JACQUES

RUAN NUNES SILVA*

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo propor leituras de duas autobiografias de sujeitos trans, a saber *Nina Here Nor There* de Nick Krieger e *Trans: A Memoir* de Juliet Jacques, à luz das discussões propostas por Preciado (2017), Butler (2015), Woodward (2014) e Hall (2006). Os teóricos utilizados argumentam que as percepções das identidades como fixas e estáveis não mais se sustentam na pós-modernidade. As autobiografias aqui discutidas exemplificam a importância de que os debates abandonem certas perspectivas essencialistas, até mesmo da própria teoria *queer*, em prol de discussões que se centrem na celebração e não na marginalização da diferença como ponto de partida das políticas pós-identitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Comunicação; Eventos acadêmicos; Ciência.

READINGS OF THE BODY IN TRANS AUTOBIOGRAPHIES: *NINA HERE NOR THERE* BY NICK KRIEGER AND *TRANS: A MEMOIR* BY JULIET JACQUES

ABSTRACT: This paper aims to offer readings of two autobiographical materials by trans subjects, namely Nick Krieger's *Nina Here Nor There* and Juliet Jacques' *Trans: A Memoir*, considering the discussions proposed by Preciado (2017), Butler (2015), Woodward (2014) and Hall (2006). These authors argue that perceptions of identities as fixed and stable no longer hold in postmodernity. The autobiographies discussed here exemplify the importance of debates dropping certain essentialist perspectives, even from queer theory itself, in favor of discussions that focus on the celebration rather than the marginalisation of difference as the starting point of post-identitarian politics.

KEYWORDS: Difference; Contrassexuality; Identity; Trans Autobiographies.

*Professor Assistente de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Piauí. Doutorando em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um recente *boom* no mercado editorial no século XXI que não pode passar despercebido é a presença de autobiografias de sujeitos trans. Dois exemplos são *Redefining Realness* de Janet Mock e *She's Not There* de Jennifer Finney que figuraram na lista dos *bestsellers* do New York Times. Não me parece relevante aqui pontuar se essas autobiografias são exemplos de uma nova estética ou se são mero produto de uma época marcada pelo escrutínio da vida cotidiana, afinal, não é a intenção marcar o que seria ou não literatura. Interesse-me, no entanto, pela própria possibilidade da presença de sujeitos previamente silenciados que finalmente têm encontrado meios políticos de expressarem as suas idiossincrasias. Indago, portanto, de que formas os corpos trans surgem nas autobiografias contemporâneas a partir de um olhar que não só desestabiliza a heteronormatividade, mas que também produz novos sentidos de existência.

Em artigo jornalístico intitulado “O que nos dizem as autobiografias trans?” publicado em 2018, a doutora em crítica literária Amara Moira explicita certas questões que surgem na leitura de autobiografias de sujeitos trans no Brasil. Para Moira (2018), as narrativas de si no passado buscavam desvelar a compreensão do sujeito como dono de si, porém ainda muito balizadas por leituras de um mundo cisgênero, herança de uma heteronormatividade naturalizada. Moira celebra o fato de que possamos encontrar nestas autobiografias contrapontos da nossa própria literatura canônica, porém é necessário sinalizar que é justamente a busca por uma desestabilização dos sentidos atribuídos ao gênero que fornece as ferramentas para que Moira critique, por exemplo, os prefácios das autobiografias. Moira parece sugerir ironicamente que essas obras só conseguem existir a partir da corroboração das narrativas nas mãos de prefacistas como Eduardo Suplicy e Rose Marie Muraro que acabam evidenciando as articulações do preconceito mesmo na melhor das intenções.

“O poder de nomear-se é”, nas palavras de Moira, “o poder de romper com a norma, em especial quando esse re-nome desdiz o gênero que, com base em seu genital de origem (...) lhe impuseram” (MOIRA, 2018). A possibilidade de nomear-se é fruto de um reconhecimento de si como o Outro de alguma relação que era creditada como estável, ecoando as discussões de Stuart Hall (2006) acerca das identidades na pós-modernidade. Para Hall (2006), as noções de identidades fixas, coerentes e estáveis estão lentamente se desfazendo, evidenciando o caráter provisório daquelas que nos permitem adentrar a discussão sobre identidade, diferença e políticas pós-identitárias.

Concordo com Denilson Lopes quando ele afirma que o ato de nomear-se é perigoso, porém “se não nos nomeamos, outros o farão.” (LOPES, 2002, p. 27). As palavras do professor da UFRJ indicam que o ato de re-nome é um ato político, não porque possivelmente criaria uma essência do que se é com objetivo de classificar – sou homem, cisgênero, branco, classe média – mas com a intenção de “explorar, problematizar.” (LOPES, 2002, p. 27). Distanciando-se de posições de “guetização epistemológica”, Lopes indica que precisamos enxergar que a aliança

com os estudos culturais oferece novas pontes teóricas e evita “um fechamento intelectual”. Desta forma, é importante sinalizar que a discussão sobre identidades não mais pode fugir dos debates sobre as diferenças como elementos não-dicotômicos, porém como parte integral de uma possibilidade de compreensão de sujeitos trans na pós-modernidade. Assim, será possível investigar as construções de corpos trans nas autobiografias aqui discutidas – *Trans: A memoir* de Juliet Jacques e *Nina Here Nor There* de Nick Krieger.

DIFERENÇA COMO ELEMENTO-CHAVE

Falar sobre identidades parece alimentar o debate sobre a importância de ser uno e estável – a falácia já teorizada por Stuart Hall (2006) em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Faz-se, então, essencial ressaltar que as identidades “teriam caráter provisório porque [estão] em constante devir” (FIGUEIREDO & NORONHA, 2012, p. 189) e que são “continuamente deslocadas em função de elementos nacionais, culturais, de gênero, de classe social, de posição política e religiosa, enfim, das várias identificações que formam o sujeito mosaico de nossa era.” (FIGUEIREDO & NORONHA, 2012, p. 191). Parece, no entanto, haver certo desacordo no debate entre identidades e teoria *queer*.

As identidades como essencialismos tornaram-se alvo de críticas por não oferecerem possibilidades de representação de todos os sujeitos que ali estariam contidos. Falar, por exemplo, em um estudo sobre homens gays é simplificar a necessidade de adicionar categorias que transformam esse mesmo sujeito em diferentes níveis. Questionar de que maneiras um homem gay cisgênero branco de classe média se diferencia de um homem trans negro oriundo de periferias é uma forma de estabelecer novas possibilidades de estudos identitários que, por sua vez, se alimentam mais da celebração da diferença como elemento-chave do que daquilo que seria comum ao grupo.

É justamente nessa lacuna que se forma na homogeneização de sujeitos que surge uma das críticas de Judith Butler sobre as identidades. Desenvolvendo uma crítica sobre o feminismo essencialista da segunda onda, Butler (2015) afirma que as ficções “fundacionistas” não fornecem mais o aparato para que nos compreendamos como sujeitos, afinal, nem todos os cidadãos do país têm acesso aos mesmos benefícios culturais e sociais. Além disso, Butler critica a suposição de que existe uma identidade comum no termo “mulher” quando, na realidade,

o termo [mulher] não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2015, p. 21).

Para Butler, então, descrever uma mulher como uma categoria única conforme boa parte da crítica da segunda onda fazia era uma perpetuação da opressão que o movimento tanto criticava. É a partir desta crítica que uma política pós-identitária se constitui como ferramenta de crítica cultural e social, especialmente por investigar de que maneiras os sujeitos se constituem dentro de seus contextos, e também evidencia a necessidade de teorizar sobre as lacunas de representação (*misrepresentations*) de sujeitos que não se encaixam nas “armadilhas identitárias” anteriores.

Compreendo por “armadilhas identitárias” os essencialismos prévios que buscavam e ainda buscam em alguns espaços homogeneizar sujeitos com fins políticos. Não quero desqualificar tais lutas, afinal, a própria teoria *queer* nasceu de políticas que hoje consideramos essencialistas, porém é mister enxergar como tais atitudes podem ter corroborado práticas de exclusão. Uma política pós-identitária localiza como as leituras da teoria *queer* sobre um mundo regido por questões binárias abrem as portas para novos questionamentos dos sujeitos, em especial, aqueles que fazem uso da diferença como celebração de si e não mais marginalização. A diferença não pode ser compreendida apenas como a oposição de algo, mas no sentido de *diferir* de outras formas. Uma política identitária que se fecha em uma definição binária corre o risco de perpetuar as mesmas estruturas de opressão anteriores, repetindo o processo de exclusão baseado em binarismos que não mais se sustentam na contemporaneidade.

Conforme Butler afirma em *Problemas de Gênero*, a questão não é recusar a política representacional, mas “justamente formular (...) uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.” (BUTLER, 2015, p. 24). Será a partir dessa percepção de crítica das representações que será possível pensar as autobiografias de sujeitos trans como parte de fortuna crítica da teoria *queer* que se recusa a manter a ordem de corpos regidos por “estruturas jurídicas da linguagem e da política [que] constituem o campo contemporâneo de poder.” (BUTLER, 2015, p. 23).

Se a diferença pode ser construída negativamente através de práticas de exclusão, marginalização e silenciamento (WOODWARD, 2014), é importante que também enxerguemos o valor subversivo da pós-modernidade ao transformá-la em uma leitura positiva através da celebração das diferenças como “fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo.” (WOODWARD, 2014, p. 50-51). A compreensão de identidade e diferença na dicotomia nós-eles, centro-periferia, dentro-fora parece estar se tornando ironicamente “erosível” pela sua própria preocupação em não homogeneizar: os dois lados dessas dicotomias não são iguais como se pode notar ao refletir sobre as posições de uma mulher branca que se identifica como feminista radical e que não acredita que mulheres trans sejam sujeitos do feminismo e uma mulher trans branca que se descreve feminista. A primeira poderia ser o “nós” para a segunda que seria o “eles” da dicotomia, porém a primeira se torna “eles” quando a relação se contrasta com um homem branco de classe média. Descrita de maneira simplificada, a situação explicita como as noções de identidade e diferença não apenas marcam deslocamentos do próprio sujeito, mas que também demandam uma melhor teorização para evitar a perpetuação de essencialismos que Butler e outros teóricos *queer* criticam.

É justamente pelos perigos nas construções de dicotomias que a teoria *queer* busca re-negociar esses valores binários através de posições como as da contrassexualidade do filósofo trans Paul B. Preciado. Para o estudioso espanhol, a teoria *queer* institucionalizada se apropriou demasiadamente de “releituras perversas da psicanálise” para falar sobre a sexualidade, resultando em termos populares como “falo feminino” e “inveja do pênis” (PRECIADO, 2014, p. 74), resultando em uma perpetuação de uma estrutura ainda marcada por uma perspectiva heterossexual. Cabe aqui, então, ressaltar a importância de repensar os sujeitos a partir das identidades e diferenças, porém, ao mesmo tempo, articulando uma nova forma de pensar os corpos: a contrassexualidade.

A CONTRASSEXUALIDADE COMO CONTESTADORA DA TEORIA QUEER

Publicado em espanhol pela primeira vez em 2002, *Manifesto Contrassexual* deve ser lido com atenção para as maneiras como Preciado burla não apenas a noção de livros teóricos organizados a partir de outras teorias, mas também o senso de uma teoria *queer* que se encontra em ambientes populares da academia. Oscilando entre registros e tipos de linguagens, Preciado oferece a sua contribuição para *estranhar* ainda mais a teoria *queer* e apontar novos desafios desse campo teórico. A contrassexualidade assume, portanto, não apenas uma imagem de teoria, porém uma renegociação de valores a partir de um *discourse en retour* foucaultiano: será pelas lacunas do próprio *queer* que será possível revelar novas fraturas que evidenciam novas teorizações.

A contrassexualidade é descrita como “o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros.” (PRECIADO, 2014, p. 21). Por Natureza com N maiúsculo, Preciado compreende as verdades biológicas que são inscritas nos corpos e que dizem que um sujeito é homem ou mulher. Essa Natureza é um argumento utilizado por setores conservadores que desconfiam das existências de sujeitos que não estão de acordo com as suas expectativas, que são produtos “do contrato social heterocentrado.” (PRECIADO, 2014, p. 21). Ao negar o que se diz natural, o filósofo indica que os corpos no contrato contrassexual – importante detalhe a ser em breve criticado – deixam de se reconhecer como homens ou mulheres para admitirem novas formas como corpos falantes e, conseqüentemente, enxergando que as identidades previamente admitidas se tornam ficções passadas para a adoção de novas perspectivas.

Para a contrassexualidade, o corpo é uma tecnologia tanto quanto a sexualidade, sendo ambos dispositivos manipulados dentro de um sistema de sexo/gênero. Desse modo, ao se acreditar bissexual, homossexual ou heterossexual (entre as outras várias gamas de sexualidades existentes), formulamos uma incoerência que nos diz que nossa sexualidade é então regida pela presença de órgãos reprodutivos que possuímos ou que nos atraem, ignorando a “sexualização do corpo em sua totalidade.” (PRECIADO, 2014, p. 23). É nessa lacuna crítica que Preciado enfatiza como o desejo, a excitação erótica e o orgasmo são produtos de uma

tecnologia social que acredita que o sexo se reduz às zonas erógenas “fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas.” (PRECIADO, 2014, p. 25).

O que se acredita como Natureza é, na contrassexualidade, “um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade.” (PRECIADO, 2015, p. 25). Isso significa dizer que a equação citada enxerga que algumas partes do corpo seriam áreas de diferença sexual em uma perspectiva feminina ou masculina. Mesmo quando se fala de homossexualidades ou bissexualidades, a equação tem se revelado constante por ser reducionista na leitura de que apenas o pênis, por exemplo, em sua leitura fálica, seria o centro do corpo. Não por acaso a discussão de Preciado evidencia sua discordância de como mesmo na teoria *queer* existe em algumas vertentes a busca por uma explicação do prazer no sistema fálico, afinal, alguém ainda precisa exercer as funções consideradas masculina ou feminina no binarismo ativo-passivo para poder usufruir de reconhecimento de existências.

A contrassexualidade surge como um argumento para desvelar as próprias práticas essencialistas de teóricos *queer* que não concordam sobre sexo e gênero como categorias biológicas (e, portanto, essencialista em algum momento) ou sociais (logo construídas em relações). Vale ressaltar que a riqueza teórica da teoria *queer* é justamente a sua raiz no pós-moderno, no pós-estruturalismo e nas ambivalências teóricas de ambos, logo incapazes de encerrar as discussões baseadas em uma única e pura Verdade ontológica do sujeito.

Reconhecer os corpos que são desvios e derivações de um sistema heterocentrado (PRECIADO, 2014, p. 27) se torna uma prática contrassexual assim como compreender que os órgãos tidos como naturalmente sexuais são também os efeitos de uma tecnologia “que prescreve o contexto em que [eles] adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua ‘natureza’ (relações heterossexuais).” (PRECIADO, 2014, p. 31). A função dos órgãos genitais é, portanto, situada em contextos definidos e usos “próprios” para sua existência. Será justamente neste ponto que Preciado formula a contrassexualidade como um discurso que desconstrói o que ele chama de regime heterocentrado que não só limita e reduz os sujeitos a dois sexos e gêneros, mas também organiza a sexualidade em limitadas áreas e formas.

A contrassexualidade não busca uma substituição dos termos existentes por outros ou um desfazer das marcas já existentes da heterossexualidade, mas sim promover uma mudança nas posições de enunciação. No entanto, Preciado não explicita como essas posições se tornam emblemáticas de novos discursos, porém defendendo que é possível enxergar dentro das autobiografias trans não apenas o deslocamento dos sujeitos a partir da diferença, mas também a mudança nestas posições que Preciado considera importantes para uma reorganização social.

É possível notar que a contrassexualidade é uma força teórica que busca visibilizar sujeitos que não se encaixam em padrões heteronormativos, porém ao mesmo tempo indaga de que maneiras as discussões sobre a teoria *queer* deveriam se encarregar de não perpetuar

posições heterocêntricas nas suas construções de sujeitos, especialmente por herdarem alguns essencialismos dos estudos gays e lésbicos e do feminismo. Percebendo essa demanda pelo questionamento do falo como poder da herança lacaniana, Preciado desenvolve a contrassexualidade como um descarte das barreiras limitadoras de sexo e gênero conforme conhecemos para convidar ao questionamento da presença do pênis/falo como regulatório de nossas relações – seríamos ativos caso possuíssemos um pênis ou um vibrador, por exemplo, e seríamos passivos caso fôssemos penetrados por aquele. Entretanto, a pergunta que a leitura de Preciado suscita é: até que ponto então existia o consenso de mulheres que se identificam como homossexuais e que utilizam vibradores? Seriam elas então menos lésbicas por fazerem uso do falo como objeto de prazer sexual? Estaria então uma mulher trans que busca cirurgia de redesignação sexual abrindo mão de posições de poder ou mesmo um homem trans que não busca a redesignação menos “ativo” que um homem cisgênero?

São estes questionamentos que levam Preciado a discutir a existência do *dildo* – que ele compreende não como um mero vibrador ou uma extensão do pênis/falo – como uma forma de interromper e subverter os discursos heterocentrados a partir das indagações acima. Por privilegiar que corpos sejam falantes e não masculinos e femininos, Preciado, talvez utopicamente, explica que é justamente pela sua presença sem um uso definido que o *dildo* se torna central para a contrassexualidade. Podendo estar presente tanto na vagina, na boca, no ânus etc, o *dildo* não requer um uso específico e não desloca a noção de um pênis como teorias lésbicas separatistas afirmam. Em outras palavras, redefinir o *dildo*, que novamente vale dizer não ser um vibrador, como um significante das sexualidades permite “dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado.” (PRECIADO, 2014, p. 80).

Talvez o *dildo* na teoria de Preciado ainda possa ser lido como um objeto fálico, especialmente porque o filósofo não explicita de que maneiras o *dildo* efetivamente interromperia a noção do falo das teorias feministas mais radicais. No entanto, é a contrassexualidade na sua tentativa de desmistificar o *dildo* como elemento de prazer que permite compreender que existem áreas erógenas que não aquelas já sexualizadas, justamente aquelas marcadas pelo binarismo sexo/gênero e que ainda organizam o pensamento ocidental acerca dos sujeitos que precisam ser homem ou mulher.

Se a linguagem utilizada e as ideias propostas por Preciado se revelam demasiadamente utópicas ou complexas às vezes, é mister que procuremos os desdobramentos da contrassexualidade como formas de expressão de sujeitos que vivem *na* e *a partir da* diferença. Iniciemos agora a discussão de duas autobiografias trans que se tornam o lócus investigativo para interrogar a heteronormatividade na discussão de sujeitos considerados *queer*.

AUTOBIOGRAFIAS TRANS: NARRATIVAS DE SI

Nina Here Nor There inicia com a constatação de que Nina, o nome anteriormente utili-

zado pelo autor Nick Krieger antes da transição, acreditava pertencer ao grupo de suas amigas lésbicas de classe média e moradoras do bairro de Castro em São Francisco. Krieger salienta que todas eram bem-sucedidas e tinham boa aparência, porém há algo nas palavras descritivas da festa pós-jogo em um quintal que indicam que aquele sujeito que ali se encontrava, Nina, não parecia estar ciente de si. Publicado em 2011, *Nina Here Nor There* descreve a jornada de transição de gênero de Nina enquanto ilustra a vivência de sujeitos trans que burlam as fronteiras de gênero, sexo e sexualidade. Serão estes sujeitos que levarão Nina a se questionar enquanto indivíduo, especialmente sobre as suas convicções acerca do mundo ao seu redor.

É importante notar que a jornada que Nina descreve desconstrói a linearidade esperada, logo os capítulos não são organizados temporalmente e permitem que os leitores possam questionar as posições ideológicas assumidas por Nina. Um trecho que ilustra essa preocupação surge no primeiro capítulo, quando Nina é convencida por sua amiga Zippy a participar de uma festa de arrecadação de dinheiro para que Greg, homem trans, possa pagar pela mastectomia:

Lately, it seemed like these trans guys, as most people referred to them, were everywhere – bars, bookstores, parks, my house, my street – their very presence refuting what I'd always taken as fact, that those with an F on their birth certificates were automatically women. (KRIEGER, 2011, p. 11)¹.

O discurso inicial de Krieger é justamente prova de que, mesmo sendo anteriormente uma minoria, no caso uma mulher lésbica, ela era afetada por um discurso ideológico de que um papel dizendo F (female) deveria marcar toda a sua existência, afinal, ela nascera mulher e assim deveria ser o rumo da civilização. Além disso, ao descrever a sua percepção inicial de homens trans, o interdito parece sugerir que a presença de todos esses sujeitos portadores da diferença perturbava a sua própria noção de si. A “perturbação” segue ao refletir sobre as pessoas na referida festa:

The style signposts had once held masculine or feminine connotations that helped me define a person, but here they failed to indicate whether a person was self-identified as man, woman, or something else entirely. I figured earrings and longish hair would be the first things someone like Greg would lose, small changes to prevent being perceived as a woman. But then again, plenty of dudes wore earrings and overgrown hair, too. (KRIEGER, 2011, p. 12)².

1 Recentemente parecia que esses caras trans, como a maioria se referia a eles, estão em todos os lugares - bares, livrarias, parques, minha casa, minha rua - a própria presença deles refutando o que eu sempre tomara como fato, que aqueles com F na sua certidão de nascimento seriam automaticamente mulheres (minha tradução).

2 Os sinais de estilo possuíam outrora conotações masculinas ou femininas que me ajudavam a definir uma pessoa, mas aqui eles falhavam em indicar se uma pessoa se identificava como homem, mulher ou algo totalmente diferente. Eu pensei que os brincos e o cabelo mais ou menos longo seriam as primeiras coisas que alguém como Greg tiraria, pequenas mudanças para evitar ser reconhecido como uma mulher. Mas aí de novo, muitos caras também usavam brincos e tinham cabelos longos (minha tradução).

Nina reflete sobre a sua própria formação que lhe informava determinados aspectos que designavam o que seria pensar sobre quem seria homem ou mulher. Coisas pequenas como brincos e a extensão dos cabelos pareciam indicar que pertenceriam ao mundo feminino, porém Nina se indaga sobre como esses traços já haviam sido adaptados para o mundo masculino.

Nascida e criada em uma família de classe média em Nova York, Nina percebera que havia algo “diferente” em si e interpretara que seria um desejo por se tornar uma viajante. Entretanto, ao retornar de diversas viagens, Nina ainda não sentia que havia encontrado uma resposta para diversas indagações, o que a leva a se mudar para a costa oeste dos Estados Unidos e morar em Castro, famoso bairro LGBTQ+ da cidade de São Francisco, estado da Califórnia. A mudança provaria ser drástica ao confrontar o que Nina compreendia como conceitos já fechados até mesmo no grupo LGBTQ+. Para Nina, as noções do que era um homem gay ou uma mulher lésbica eram definidas e basicamente inquestionáveis. A sua formulação de gênero seguia os primórdios dos estudos gays e lésbicos que, por mais revolucionários que tenham sido, também fomentaram essencialismos de gays e lésbicas que precisavam ser correspondidos para que suas existências fossem reconhecidas. De certo modo, as atitudes de Nina ecoam as palavras de Judith Butler ao teorizar sobre como o sexo, na realidade, “talvez (...) sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.” (BUTLER, 2015, p. 27).

Encontrando em Castro um mundo diferente daquele no qual fora criada, Nina passa a questionar até que ponto a sua própria identidade não era uma falsa percepção de solidez e fixidez. Ao encontrar outras pessoas trans como Bec, Nina reavalia a sua posição enquanto produtora de verdades sobre o Outro. Cito um momento em que Nina e Melissa, uma de suas *roommates*, conversam na cozinha da casa que dividem em Castro para ilustrar essa quebra inicial de paradigmas:

“Does Bec go by ‘he’ or ‘she’? I hear people use both.

“I just call Bec, Bec,” [Melissa] said. “But if you want to know, you should ask Bec.”

Disappointed, I’d wanted a definitive answer. Referring to Bec as “He” felt intuitively right, but there were so many rules that linked biology and language, birth sex and pronouns. If Bec intended to override these rules like Greg did, wouldn’t she at least adopt a man’s name? It felt too absurd for me to refer to a “Rebecca” as “he”. (KRIEGER, 2011, p. 22)³.

³ “Bec usa ‘ele’ ou ‘ela’? Eu ouvia as pessoas usarem ambos. ‘Eu apenas chamo Bec de Bec’ disse Melissa. ‘Mas se você quiser saber, você deveria perguntar Bec.’ Desapontado, eu queria uma resposta definitiva. Referir-me a Bec como ‘ele’ parecia intuitivamente certo, mas havia tantas regras que ligavam biologia e linguagem, sexo no nascimento e pronomes. Se Bec quisesse burlar essas regras como Greg fez, por que ela não adotou então um nome masculino? Parecia-me um absurdo me referir a ‘Rebecca’ como ‘ele.’” (minha tradução).

Talvez o que sobressaia no trecho é como Nina busca encaixar Bec na sua leitura de mundo, uma que perpetua uma percepção de padrões heterossexuais binários como a única possibilidade de existência mesmo para pessoas trans. De certa forma, Nina não consegue ainda ler Bec como um sujeito que burla as fronteiras de gênero não apenas por ter realizado a mastectomia, mas também por insistir no uso de seu nome anterior associado ao feminino. Apontando os discursos entre linguagem, biologia e pronomes, Nina reflete que talvez pudessem ser mais fácil para todos ao redor de Bec caso ela adotasse um nome masculino que, por sua vez, referendaria a escolha pronominal. É nessa hesitação em forma de pergunta que as preocupações de Preciado surgem como instrumentos de análise. São essas “imposturas orgânicas, mutações prostéticas” que se tornam “recitações subversivas de um código sexual transcendental falso.” (PRECIADO, 2014, p. 31). Quando Bec opta por manter seu nome feminino mesmo ao fazer a mastectomia, ela não está necessariamente realizando o mesmo processo de transição de outros sujeitos trans. Mais tarde na autobiografia, Nina recobra uma conversa com Bec que menciona justamente a sua recusa em ter que fazer o processo de transição por não sentir que se encaixa nas oposições do espectro. Longe de estabelecer uma crítica daqueles que realizam o processo, Bec simplesmente responde que prefere se manter no *middle ground*, enfatizando que ela está em um terreno de hibridez e indefinição e que este espaço não a incomoda.

Para Nina, o absurdo é como Bec realiza a subversão de gênero enquanto desfaz a própria estabilidade da identidade a partir de uma diferença que se torna contrassexual – reforçando assim “o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado.” (PRECIADO, 2011, p. 27). Quando Bec diz que prefere o uso do pronome “he”, mas que também aceita que “she” faça sentido para outros, Bec não responde o questionamento de Nina que buscava uma resposta definitiva – “I wanted to refer to Bec as “he”, his clear preference, and to uncover terms like *genderqueer* and *middle ground* that articulated what I thought I could see but not explain.”⁴ (KRIEGER, 2011, p. 55, ênfase no original) – revelando que a quebra do “contrato heterossexual” se dá de maneiras diversas.

As negociações entre identidade e diferença se tornam mais evidentes quando Bec revela, após Nina perguntar sobre a ideia de se sentir confortável na própria pele, que o processo de se sentir “confortável” é constante e jamais finito: “‘Oh, it was a process,’ he said. ‘A metamorphosis. Although I don’t know what I’m metamorphosing into.’”⁵ (KRIEGER, 2011, p. 55). Um processo de metamorfose no qual o destino não importa pode ser uma aventura de insegurança para aqueles que não conseguem reconhecer as possibilidades de identidades sexuais que vão além de homem e mulher, afinal, essa metamorfose de Bec enfatiza que, na realidade, estar no *middle ground* é revelar quão inconstante não só o sexo é, mas também quão instáveis são as nossas sexualidades. Quebram-se padrões esperados e subverte-se a própria organização social com o reconhecimento da miríade de identidades situadas a partir das diferenças como “fontes de diversidade” (WOORDWARD, 2014) ou mesmo como um passo para reflexões de como

4 “Eu queria me referir a Bec como ‘ele’, sua preferência clara, e revelar termos como *genderqueer* e *middle ground* que articulavam o que eu pensava conseguir enxergar, mas não explicar” (minha tradução).

5 “Oh, era um processo’, ele disse. ‘Uma metamorfose. Apesar de não saber no que estou me metamorfoseando.’”

deixar que outro seja como eu *não sou*, deixar que ele seja esse outro que *não pode* ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença *da* identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO, 1996, p. 154 *apud* SILVA, 2014, p. 101, ênfase no original).

Ao perceber como termos como *genderqueer* e *middle ground* oferecem uma nova forma de pensar os sujeitos, Nina consegue elaborar melhor a sua leitura do Outro ao enfatizar que sujeitos trans não são apenas aqueles que fazem a transição completa – masculino para feminino e feminino para masculino. O termo trans então assume uma função guarda-chuva ao abarcar as complexidades que não estão também nessas fronteiras binárias estabelecidas: “(...) the permutations of gender were infinite, the complexities a challenge to explain in a language only built to hold this or that, when many of us were other, something we could see here long before we could speak it.”⁶ (KRIEGER, 2011, p. 191).

Com temática semelhante ao material de *Nina Here Nor There*, a segunda autobiografia aqui discutida, *Trans: A memoir* da inglesa Juliet Jacques, também oferece contrapontos contrassexuais na exposição da instabilidade dos sujeitos pós-modernos. *Trans: A memoir* recobra as palavras de Adelaine LaGuardia Nogueira (2013) de que as autobiografias trans contemporâneas revelam uma preocupação menor dos sujeitos com a ideia de “disfarce” por enfatizarem justamente as suas existências dentro de uma matriz que os marginaliza. Nogueira (2017) cita Sandy Stone e seu manifesto pós-transexual que cobra posições nas quais os sujeitos trans não se afirmem a partir da heteronormatividade porque esta excluiria a importância de existir como diferença e não assimilação. Se então as narrativas autobiográficas de sujeitos trans primavam no passado por formas de investimento dentro da matriz, as contemporâneas englobam não apenas os momentos pré-transição, mas também o pós-transição não como uma forma final de si e sim uma construção constante.

Publicado como uma autobiografia em 2015, *Trans: A memoir* é uma releitura e compilação de diversos artigos escritos por Jacques em sua coluna *Transgender Journey* no jornal britânico *The Guardian*. Tendo circulado entre 2010 e 2012, a coluna de Jacques focou no processo de sua transição e ofereceu um olhar público para uma questão que sempre fora considerada privada – o campo das sexualidades.

Para Jacques, o desafio de politizar um ambiente já considerado político – herança da segunda onda feminista – era um passo para dentro de um vértice feroz de representações negativas, ou seja, abrir mão da privacidade de sua sexualidade em tempos de discursos de ódio é uma forma de encorajar práticas de resistência. Jacques expõe que ao iniciar o blog, passou

⁶ (...) as permutações de gênero eram infinitas, as complexidades um desafio para explicar em uma língua construída apenas para dar conta disso ou daquilo, quando muitos de nós éramos outra coisa, algo que nós podíamos ver aqui antes mesmo de conseguirmos falar (minha tradução).

por momentos de hesitação ao pensar sobre como suas palavras poderiam perpetuar estigmas e estereótipos de pessoas trans, mesmo quando sua intenção era de elaborar quão política era a escolha de pensar em si e também em suas comunidades. Além disso, a preocupação de Jacques com a representação de sua experiência como representativa de toda a comunidade trans é reiterada constantemente na autobiografia, especialmente ao buscar desfazer o mito do “corpo errado” como uma narrativa tradicional de sujeitos trans: “The important thing was to secure enough space to get beyond the ‘wrong body’ narrative and a blog would allow me far more leeway than traditional publications.”⁷ (JACQUES, 2015, p. 205).

A preocupação em não homogeneizar as experiências trans a partir da ótica do corpo errado demonstra que Jacques enfatiza a diferença como elemento crucial na sua jornada de transição. Mesmo assim, a escritora explica que recebeu críticas até mesmo de diversos grupos minoritários que enxergavam em sua coluna artifícios que “trairiam” espaços e grupos sociais:

The series exposed some interesting fault lines: criticism for trans people in general came from straight and cisgender (non-trans) men and women, who said they didn’t understand why someone might need to transition; conservatives who thought we went against traditional values; socialists who complained that ‘identity politics’ distracted from the class struggle; gay men who felt we divided the equal rights movement; lesbians who repeated the old radical feminist arguments.⁸ (JACQUES, 2015, p. 206).

Ao mesmo tempo em que Jacques revela que as críticas pareciam se desarticular de políticas de interseção por parte de grupos minoritários, o apoio também veio dos mesmos espaços, revelando assim que nem mesmo os grupos que se acreditam homogêneos possam de fato sê-lo. A busca pelo questionamento de identidades sexuais em *Trans: A memoir* assume então uma perspectiva tão política quanto *Nina Here Nor There* ao narrar de que maneiras a organização social mantém indivíduos trans à margem justamente pela compreensão de que homens gays e mulheres lésbicas deveriam ser de um jeito e que qualquer perturbação desta norma deveria ou ser eliminada ou adequada aos rótulos.

Preciado afirma que uma das falhas das teorias feministas – e podemos também apontar as mesmas questões nos estudos gays e lésbicos – foi a discussão de gênero como centrado apenas na mulher, formando uma leitura de que o homem é o padrão e a mulher se torna a diferença, o outro. Para discutir gênero, a teoria deveria levar em consideração que o corpo e a identidade de sujeitos masculinos também têm sua construção em uma tecnologia das sexualidades que, por sua vez, podem ser “lugares de resistência à dominação.” (PRECIADO, 2014,

7 “O importante era assegurar bastante espaço para ir além da narrativa de ‘corpos errados’ e um blog poderia me dar muito mais liberdade que publicações tradicionais.” (minha tradução).

8 “A série expôs algumas ideias polêmicas e interessantes: críticas às pessoas trans vieram em geral de homens e mulheres heterossexuais e cisgêneros, que diziam não entender por que alguém precisaria transicionar; conversadores que pensavam que nós íamos contra os valores tradicionais; socialistas que reclamavam que a política identitária distraía da luta de classes; homens gays que sentiam que nós dividíamos os movimentos pelos direitos iguais; mulheres lésbicas que repetiam os antigos argumentos feministas raciais.” (minha tradução).

p. 151). O corpo feminino não é, portanto, o único marcado por gênero e, por consequência como nas discussões butlerianas, por performances que reafirmam esse gênero. Dessa forma, o corpo trans é um espaço de diálogo entre sexo e gênero como categorias discursivas, evidenciando que evitar falar de pessoas trans é reconhecer que elas são uma forma de perturbar a norma. É nessa lacuna que as discussões de estereótipos de gênero, sexualidade e opressão em *Trans: A memoir* são fundamentais para pensar o corpo trans como simbólico da necessidade de até mesmo rever posições da teoria *queer* dentro de contextos acadêmicos e, neste caso, literários.

Juliet Jacques inicia a sua narrativa descrevendo o dia em que a sua cirurgia de redesignação sexual acontece justamente para enfatizar que sua história não tem necessariamente um fim. Ela explora os desconfortos que são enfrentados para que o seu corpo se torne aquilo que ela almeja, dando especial atenção aos momentos em que as sessões de análise se tornam um elemento fundamental não apenas de seu processo subjetivo, mas também das obrigações pré-operatórias. Jacques revela seus temores de que talvez pudesse ser recusada pelos psicólogos, afinal, a palavra deles seria um dos pontos utilizados para julgar a necessidade de sua operação. Esse controle sobre o corpo é uma temática que surge nos estudos do corpo *queer* e que se torna fundamentalmente política quando pensamos as relações entre quem exerce esse poder sobre o corpo.

Na irônica criação dos artigos do contrato contrassexual, Preciado (2014) convida seus leitores, no artigo⁸, a pensar sobre a metaforização tanto de substâncias consideradas “naturais” como testosterona e estrógeno quanto das reações física como ejaculações, ereções e orgasmos. Para o filósofo, o problema é como esses elementos se tornam “metáforas políticas” que não podem ficar a serviço do Estado ou de instituições médicas que reproduzem a heteronormatividade, pois se tornam uma forma de controle dos corpos trans. Decidir quem pode ou não tomar doses de testosterona ou quem pode sentir prazer com qual região reafirma a preocupação de Preciado.

Em *Trans: A memoir*, Juliet Jacques descreve que os hormônios que ela precisa tomar periodicamente antes da cirurgia são apenas liberados por uma junta médica que a entrevista em alguns momentos. Na narrativa de Jacques, a tensão pré-entrevista evidencia a preocupação entre o controle sobre quem pode tomar e a vida de um sujeito que está sendo escrutinado regularmente. Diagnosticada com depressão, Jacques questiona se deveria ou não expor seu histórico para os médicos, afinal, ela poderia ter sua dose hormonal negada e ser obrigada a começar todo o processo do zero. Citando uma autora trans – Julia Serano – Jacques explicita que sua preocupação inicial com o tratamento hormonal era se teria muitas lágrimas e crises de uma “segunda puberdade”. Entretanto, ela explica que os hormônios se tornaram extremamente políticos – “*horribly politicised*” (JACQUES, 2011, p. 223) – por serem associados aos comportamentos de cada gênero quando, na realidade, são construções realizadas com fins de manter uma ordem social.

De maneira semelhante, tanto Nina quanto Jacques passam pela experiência de sabinas médicas para conseguirem a operação que buscam e revelam as inseguranças que mui-

tos cidadãos ignoram sobre sujeitos trans. As dificuldades encontradas nos processos de suas identidades e, conseqüentemente, seus corpos são muitas e variadas: desde a necessidade de documentos atestando a sanidade mental do paciente até a comprovação de que estão vivendo como sujeitos trans há determinado tempo, mesmo quando a cirurgia é particular como no caso de Nina. Nota-se, portanto, uma ausência de controle sobre o próprio corpo que é regido pelas “metáforas políticas” conforme apontado por Preciado.

Outro exemplo dessas metáforas é encontrado em *Nina Here Nor There* quando Nina descreve sua relação com Jess e o aprendizado da prática de *packing* – utilizar próteses falsas para simular um volume na região genital. Positivamente impressionada com o conforto que sente, Nina passa a utilizar o *packer* constantemente e reconhece que *packing* é uma forma de se expressar sem precisar explicar o seu corpo. O problema surge quando Nina é interrogada por uma amiga que enxerga a prática como uma forma de legitimar o pênis como uma ordem de poder onde as mulheres ainda buscariam posições masculinas nas relações. A preocupação de Nina alimenta ainda mais a sua incerteza de si, afinal, um momento no qual sua subjetividade permite um prazer em ter um *packer* deveria ser melhor compreendido por suas amigas lésbicas. Entretanto, reproduz-se aqui uma leitura lésbica separatista onde o uso do *packer* se assemelha ao *dildo* de Preciado: não há imediata correlação entre *packer* e pênis, pois um não é o outro. Permanecer em equivalências falocêntricas apenas alimenta a visão de que um sexo sem pênis não seria sexo, logo o sexo lésbico seria uma mentira. (PRECIADO, 2014). O *packer* de Nina, portanto, não pode representar o falo que se espera, pois não é dele que vem o desejo e sim da subjetividade em formação. Em outro momento, Nina escorregará no discurso e permitirá que a compreensão de um *strap-on* se torne o seu pênis, porém ela reflete sobre como a sua compreensão de desejo não está relacionada ao fato de ter um pênis, mas sim ao conseguir se relacionar com mulheres, e que previamente ela acreditava ser necessário um pênis para tal.

Se permitimos a perpetuação de uma crítica falocêntrica do pênis, estaríamos lendo *Trans: A memoir* como uma forma de subjugação da identidade, porém o que Jacques nos mostra enquanto leitores é que o pênis não é o símbolo de poder que se acredita. A transição de Jacques se dá de maneira que ela só consegue reconhecer seu corpo quando inicia seu processo de transição e não necessariamente apenas com os elementos que a tornariam “feminina”, tais como roupas, brincos, perucas ou maquiagem. Jacques chega a ir além e repreende críticos que acusam pessoas trans de perpetuarem estereótipos. Segundo Jacques, não se pode simplesmente assumir que pessoas trans não passam por dificuldades apenas por desejarem subverter a norma, mas sim porque se sentem diferentes e precisam responder a esta necessidade. Evidenciando o caráter político de sua autobiografia, Jacques cita diversos autores e autoras trans – Leslie Feinberg, Kate Bornstein, Jamison Green, Riki Ann Wilchins – para ressaltar como a cultura produz gênero. Portanto, a transição de Jacques não deve ser compreendida como uma perda do falo em termos de poder, mas sim como um encontro com uma nova forma de poder que Preciado aborda em seu *Manifesto Contrassexual*. Exatamente por buscar dinamitar a ordem heterossexual que acredita em sexo e desejo falocêntricos, Preciado desenvolve uma leitura de como a perda do órgão genital “que se faz passar pela origem do desejo” (PRECIADO, 2014, p. 80) é o sinal de uma resignificação do desejo que também deveria ser tratada como legítima e não “anormal”.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A crítica contrassexual argumenta então que não existe uma coerência de que órgãos genitais são os centros do prazer, afinal, seus sentidos foram atribuídos discursivamente e suas práticas perpetuadas. O que as autobiografias trans oferecem para a crítica contrassexual é justamente o questionamento de que maneiras a identidade não é formulada mais como estável e que o encontrar-se no *middle ground* serve como reflexão de que a diferença é elemento fundamental na produção de sentidos – diferir é existir. Reconhecer essas diferenças tem um propósito de demonstrar que o corpo de sujeitos *queer* quando narrativizados são tão diferentes quanto aqueles de sujeitos heteros cisgênero: a questão surge quando um é menosprezado por perturbar uma falsa ordem e o outro é celebrado como elo de uma sociedade.

Outro ponto em comum que deve ser ressaltado entre ambas as autobiografias é a preocupação em desmistificar a imagem de sujeitos trans, especialmente em relação ao tratamento midiático recebido. Ao escreverem sobre os processos de transição, tanto Krieger quanto Jacques revelam como suas vidas são tão regidas por gênero, sexo e sexualidade quanto as vidas de outros cidadãos considerados “normais”. Esse último grupo não pensa em gênero, sexo e sexualidade como formações performáticas de si por se localizarem dentro da norma binária que afirma que somos homens ou mulheres, logo se acreditam como o padrão de existências. As narrativas de Krieger e Jacques evidenciam como tais grupo são tão sexualizados e gendrados quanto os que são vistos como o Outro nas relações sociais; o que se diferencia é a forma como a heteronormatividade criou essas fraturas.

Ao indagar a partir da celebração da diferença e da contrassexualidade, a intenção neste trabalho foi encorajar a pensar a teoria *queer*, já tão discutida em ambientes acadêmicos, não apenas como sinônimo de estudos gays e lésbicos, mas como um espaço frutífero onde as definições de como homens e mulheres devem ser não se tornam hegemônicas. Permite-se, assim, a possibilidade de reconhecimento do Outro como parte integral e não marginalizada de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

JACQUES, Juliet. *Trans: A Memoir*. London: Verso, 2015.

KRIEGER, Nick. *Nina Here Nor There*. Boston: Beacon Press, 2011.

LOPES, Denilson. *O Homem que Amava Rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MOIRA, Amara. O que nos dizem as autobiografias trans?. *Pernambuco: Suplemento Cultural Oficial do Estado, Pernambuco*, 01 de Março de 2018. Artigos. Disponível em <<https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2053-o-que-nos-dizem-as-autobiografias-trans.html>>. Acesso em 15 Abr. 2019.

NOGUEIRA, Adelaine LaGuardia. Um jeito *queer* de (não) ser: a escrita autobiográfica em *Nina Here Nor There*, de Nick Krieger. In: MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Org.). *Feminismos, Identidades, Comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*, vol. XI. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 11-28.

PRECIADO. Paul B. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu et al (Org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu et al (Org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 7-72.

RECEBIDO EM: 20/05/2020 | APROVADO EM: 22/12/2020